Elias, Glöd e a ponte que tem de ser reconstruída



Mãe e pai

Este livro pertence a

_____

Bem-vindo a este livro de exemplo! É feito tal como será o teu, a partir das fotografias e escolhas apresentadas ao lado, e mostra como pode ser uma história da Saga para ti. Folheia, lê e imagina o teu filho como o herói do seu próprio conto.

Atrás da casa, o riacho corria por cima de pedras lisas e por baixo de uma raiz que parecia um nariz torto. Elias procurava paus direitos para a parede da sua cabana. Uma cabana precisava de paus que se mantivessem juntos, não de paus que fizessem crack mal se olhava para eles.

Entre duas pedras havia algo redondo e grande. Era grande demais para ser de um pássaro e quente demais para ser uma pedra. Elias pousou as duas mãos à volta da casca. As pintinhas cor de cobre brilharam. Lá de dentro veio um som: crack. Depois: crack, crack. Elias segurou o ovo bem quieto. O que estaria a sair no riacho atrás da casa?





Primeiro, saiu da fenda um focinho verde. Depois, dois olhos redondos, quatro pequenas garras e uma cauda que, sem querer, derrubou uma folha. O pequeno dragão espirrou. Puf! Três anéis de fumo cinzentos flutuaram sobre a água e ficaram presos à volta da ponta de um caniço.

—Glöd — disse Elias. O dragão olhou para os anéis, baixou as asas parecidas com folhas e soprou outro, ainda mais pequeno. No interior da casca havia três pequenos picos e uma linha de letras minúsculas: Uma cria de dragão deve estar em casa quando o sol se põe atrás de três picos. Elias olhou para cima. Ao longe, por cima das árvores, havia três cumes de montanhas. O sol já começava a descer. —A Montanha do Dragão — disse ele. —Anda!

A floresta atrás do riacho era escura debaixo dos pinheiros, embora o céu lá em cima ainda estivesse claro. Elias caminhava entre raízes que rastejavam pelo trilho. Glöd ia sentado no seu ombro, agarrado à costura da camisola com duas pequenas garras.

Em cada bifurcação, Glöd soprava um anel de fumo. O primeiro pousou à volta de um cogumelo. O segundo entrou a zunir num arbusto. O terceiro foi disparado em frente e desapareceu. —Vamos antes olhar para a casca — disse Elias, mostrando os três picos. Procurou uma abertura entre as árvores na mesma direção. Então ouviu-se, mais à frente: tum, chap, tum. O chão estava cheio de enormes pegadas redondas.





Na maior pegada flutuavam três agulhas de pinheiro e um escaravelho que remava com todas as patas. Elias pôs o sapato ao lado. Parecia uma passa. Glöd soprou um anel de fumo para a poça. O anel voltou a subir, redondo e direitinho.

—Um gigante foi pelo mesmo caminho que nós — disse Elias. As pegadas levavam até às corredeiras. Ali, a ponte pendia entre as rochas, com cordas grossas como tranças. A meio da ponte faltavam várias tábuas. A água espumava muito lá em baixo, e o sol tinha ficado cor de laranja junto ao horizonte. Elias apertou os lábios. —Experimentar, observar, construir de novo — disse ele. —Primeiro, temos de arranjar a ponte.

Elias subiu para cima de um tronco baixo e caído, um pouco afastado da margem. Dali conseguia ver a ponte inteira sem precisar de pôr os pés nela. As tábuas que ainda lá estavam estavam presas com cavilhas de madeira e cordas. No chão havia dois ramos direitos, uma corda velha e algumas cavilhas que deviam ter-se soltado há muito tempo.

Glöd soprou um anel de fumo através da abertura. Este deslizou mesmo entre as duas cordas laterais e desfez-se do outro lado. —Tem a largura certa — disse Elias. Pôs os ramos lado a lado, experimentou com a mão e começou a atar. No chão foi aparecendo um pequeno pedaço de ponte. Parecia quase uma parede da sua cabana. Quase.





Elias apertou o último nó. Depois, ele e Glöd empurraram com cuidado o pedaço de ponte em direção à abertura. Ao princípio, ficou quieto entre as cordas. Elias ainda teve tempo de pensar: Acho que aguenta.

Então o ramo mais curto dobrou-se. Crack. A corda escorregou. A ponte torceu-se como um peixe no anzol e caiu com um chapão nas corredeiras. Uma corda dançou atrás dela como um verme molhado. Glöd soprou um pequeno anel de fumo, mas ele desfez-se antes de conseguir ficar redondo. Elias olhou para o sol. Agora já estava junto às copas das árvores. Teve vontade de puxar outra vez a corda, cada vez com mais força. Mas, em vez disso, sentou-se no tronco caído e observou. Dali viu outra coisa.

Na sua cabana, Elias costumava fazer paredes com três paus: dois inclinados e um que os mantinha unidos. Um triângulo não balançava como uma fila de paus. Puxou os dois ramos mais compridos para junto de si e pousou-os com as pontas encostadas uma à outra.

—Experimentar, observar, construir de novo — disse ele. Glöd enviou três anéis de fumo na direção das cordas. O primeiro passou por um buraco vazio. O segundo ficou preso à volta de um nó frouxo. O terceiro virou mesmo onde Elias segurava o triângulo. —Ali! Ele apertou o nó, colocou a última tábua e puxou com cuidado o apoio. Ficou imóvel. Do outro lado da ponte, uma entrada de gruta abria-se entre as pedras.





Do outro lado da ponte, o trilho seguia diretamente para dentro de uma gruta. A poucos passos da entrada, havia cristais em grupos: finos como pingentes de gelo, grossos como pernas de cadeira, tortos como dentes retorcidos. Estavam escuros, embora aqui e ali uma ponta ainda guardasse um pequeno brilho quente.

Junto à parede havia uma placa de pedra, quase coberta de pó. Dizia: O hálito quente de dragão desperta a luz dos cristais. Não fogo. Não tocha. Apenas hálito quente. Mais para dentro, o corredor curvava-se, afastando-se de toda a luz do dia. Ali estava escuro como dentro de uma caixa fechada. Em breve, alguma mão encontraria a placa.

Elias deu um passo para dentro e nem sequer conseguia ver os próprios dedos. Glöd deu um pequeno pio e encostou o seu lado verde e quente ao sapato de Elias. Elias tacteou a parede até os dedos encontrarem as letras da placa de pedra.

—Hálito quente de dragão — leu ele. Glöd olhou para o focinho e soprou um anel de fumo minúsculo para um cristal. Elias fez uma concha com as mãos atrás do focinho, para que o calor não se espalhasse por todo o lado. O cristal piscou uma vez. Depois, acendeu-se verde por dentro. — Experimentar, observar, construir de novo — disse Elias. Glöd respirou mais fundo. Um novo cristal acendeu-se mais à frente. Depois outro. Mas o caminho voltou depressa a fazer uma curva.





Os cristais brilhavam apenas até onde chegavam os sopros quentes de Glöd. Quando Glöd precisava de descansar, paravam junto de um cristal azul que brilhava de um lado e amarelo do outro. Elias contou até três e apontou: —Ali, ali, ali.

Na curva seguinte, um cristal estava completamente coberto de lama castanha. Glöd soprou, mas um triste anel de fumo caiu no chão. Elias pegou num galhinho e raspou a lama com cuidado. Nem demasiado fundo. Nem depressa demais. Quando a superfície ficou brilhante, Glöd aqueceu-a com um pequeno sopro. A luz correu pelo cristal e mostrou uma saída estreita. Lá fora viam-se três picos rochosos. Mas será que alguém lá em cima veria Glöd?

Saíram mesmo quando o sol parecia um disco cor de laranja entre as árvores. À frente deles erguia-se a Montanha do Dragão, com os seus três picos. Na encosta havia uma abertura tão grande que quase podia deixar entrar uma nuvem a voar.

Glöd parou no trilho. Soprou um anel de fumo em direção à abertura. Ficou cada vez mais fino e desapareceu antes de lá chegar. Elias tirou uma das metades da casca do ovo. As pintinhas cor de cobre formavam três picos, tal como a montanha. Junto ao trilho, três cristais saíam do chão: um pequeno, um médio e um alto. Elias agachou-se. —Não precisamos de chamar — disse ele. —Podemos construir algo que pisca.





Elias colocou os cristais sobre uma pedra lisa: pequeno, médio, alto. Como a Montanha do Dragão. Glöd aqueceu primeiro o pequeno. Depois o médio. Por fim, o alto. Três luzes piscaram no crepúsculo, visíveis até muito longe.

Lá dentro da abertura, algo se mexeu. Surgiu um focinho grande. Depois outro, e várias cabeças de dragão amigáveis, com olhos serenos. Uma pata larga pousou na pedra ao lado de Glöd, sem lhe tocar. Glöd soprou um anel de fumo mesmo para cima. Todos o viram. Os grandes dragões responderam com sopros suaves que fizeram os três cristais cintilar. Glöd correu para a frente, mas voltou-se para Elias e para a casca.

Um dos grandes dragões empurrou uma escama para cima da pedra. Cintilava em verde, cobre e azul, como o riacho quando o sol lhe batia. Glöd pegou na escama com as garras e colocou-a na mão de Elias.

—Vai morar na minha cabana — disse Elias. Virou-se para casa, em direção à ponte, à floresta e ao riacho atrás da casa. Atrás dele ouviu-se um pequeno bufar. Elias olhou por cima do ombro. Glöd estava junto à abertura, com os grandes dragões atrás dele. Do seu focinho não saiu nenhum anel de fumo. Uma pequena chama firme elevou-se no ar da noite e brilhou na escama que Elias tinha na mão.





Elias, Glöd e a ponte que tem de ser reconstruída

Elias encontra um grande ovo quente entre as pedras do riacho atrás de casa, e dele nasce Glöd: um pequeno dragão verde que só consegue soprar anéis de fumo. Antes de o sol desaparecer atrás dos três picos da Montanha do Dragão, eles têm de reparar uma ponte partida, despertar cristais numa gruta escura e mostrar que Glöd chegou a casa.

pt-pt.sagatilldig.se

